

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: recensão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

Avaliação participante no ensino clínico: recensão

Participatory assessment in clinical education: recension

Nazaré Pellizzetti Szymaniak
Maria Célia Borges

Resumo: Neste estudo discorre-se sobre a aplicabilidade da avaliação participativa no ensino-clínico nas questões relacionadas aos pressupostos teóricos que norteiam a prática hospitalar, por meio de uma recensão. Aborda-se o procedimento avaliativo no seu caráter quantitativo e qualitativo. A abordagem quantitativa pode ser descrita como aquela em que o avaliador atribui um valor numérico aos resultados obtidos. Por sua vez, a abordagem qualitativa da avaliação é enfatiza o contato direto e das experiências um pequeno número de participantes. Destacam-se a avaliação diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação diagnóstica caracteriza-se por identificar conhecimentos adquiridos sobre o assunto e verificar as dificuldades na aprendizagem. A avaliação formativa é aquela que ocorre em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem. Por sua vez, a avaliação somativa visa tomar decisões finais sobre o aluno quanto ao seu desempenho. Sugere-se que as decisões referentes ao procedimento avaliativo sejam estabelecidas em conjunto entre alunos e docentes, na supervisão do ensino-clínico. A avaliação participativa deve ser definida em conjunto entre docente e discente a partir dos objetivos pessoais e coletivos e dos propósitos estabelecidos. Difícilmente se obterá resultado pertinente através de provas escritas, se a área avaliada é a psicomotora ou afetiva. A avaliação acadêmica de controle, expressa os resultados somente em notas, enquanto a avaliação participativa está voltada ao desenvolvimento do aluno em seus diferentes aspectos, incluindo por exemplo, a observação, a auto-avaliação e o estudo de caso.

Palavras-Chave: avaliação participante, ensino clínico, ensino-aprendizagem.

Abstract: This study discusses the applicability of the participatory assessment of the student at clinical teaching related to the theoretical assumptions that guide hospital practice, through an recension. It approaches the evaluation procedure of quantitative and qualitative nature. The quantitative approach can be described as one in which the evaluator assigns a numerical value to the results obtained. In turn, the qualitative evaluation approach is one that emphasizes direct experience and a small number of participants contact. The highlight is the diagnostic, formative and summative assessment. The diagnostic evaluation is characterized by identifying knowledge acquired on the subject and verify learning difficulties. Formative assessment is one that occurs at all times of the teaching-learning process. In turn, the summative evaluation aims to make final decisions about the student about his performance. The decision concerning the evaluation procedure should be established jointly between students and teachers, in teaching and clinical supervision. Participatory evaluation should be determined jointly between teachers and students from the personal and collective goals and objectives established. Hardly get relevant results through written tests, if the area is assessed psychomotor or affective. In the academic control evaluation, the results is expressed only in notes while participatory evaluation it is focused on the student development and its different aspects, including for example, observation, self-assessment and case study .

Key-words: participant evaluation, clinical teaching, teaching-learning.

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

1 Introdução

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente para o seguimento, passo a passo, do processo ensino-aprendizagem. Desse modo, os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto, do professor e dos alunos, são comparados com os objetivos propostos no plano de curso e pelas instâncias superiores, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. Pode-se constatar que a avaliação do aluno como um componente do processo de ensino visa, por intermédio da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes (LIBÂNEO, 1994).

Esta reflexão a respeito da avaliação participativa no processo ensino-aprendizagem é um desafio às instâncias educacionais administrativas, políticas e pedagógicas. Muito se tem estudado sobre esse assunto, abordando-se os aspectos de avaliação do aluno, do docente, da instituição, da política educacional, mas não com profundidade suficiente nas questões relacionadas aos pressupostos teóricos que norteiam a prática participativa dos envolvidos neste processo avaliativo. As indagações mais comuns a esse respeito podem ser formuladas levando-se em conta os aspectos: os instrumentos utilizados pelos docentes são eficientes para avaliar o conhecimento e as habilidades assimiladas pelos alunos? Efetivamente, o docente está preparado para exercer esta função avaliativa? Em quais pressupostos teóricos sobre avaliação, os docentes se pautam para realizar a avaliação de seus alunos? Quais os parâmetros educacionais que estão sendo usados no processo avaliativo em cursos superiores? Enfim, qual a interação do aluno e do docente de ensino superior, no processo avaliativo do ensino-aprendizagem?

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

Essas questões se apresentam como evocadoras de respostas. Esta proposta de discussão é evidenciada pela preocupação pontuada pelos alunos em conversas amistosas quanto às avaliações realizadas por alguns de seus professores, bem como a escassez de literatura sobre essa temática. Diante disso, queremos perseguir, através de um raciocínio sistemático o seguinte problema: avaliação participante é eficiente para a promoção do conhecimento, da autonomia e da conscientização do aluno de curso superior quanto ao seu papel social?

Por ser a avaliação um procedimento complexo dentro do processo ensino-aprendizagem é que alguns docentes, em especial de curso superior, relutam e em saber se a avaliação que utilizam é capaz de ser fidedigna, válida, confiável e sistematizada quanto às informações coletadas. Geralmente, existe certa indefinição sobre a melhor maneira de elaborá-la e aplicá-la. Isso posto, utilizam na maioria, de avaliação tradicional, com características de somativa, onde o aluno devolve ao docente o conhecimento adquirido.

2 Objetivos

Discorrer sobre a avaliação acadêmica no ensino-clínico nas questões relacionadas aos pressupostos teóricos que norteiam a prática participativa dos envolvidos neste processo avaliativo.

3 Método

Desenvolve-se uma reflexão sobre a avaliação acadêmica participante no ensino clínico, baseado nas evidências da literatura e da experiência profissional no processo de ensino-aprendizagem do ensino-clínico.

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

4 Resultados

Há duas abordagens a respeito do procedimento avaliativo: quantitativo e qualitativo. A abordagem quantitativa pode ser descrita como aquela em que o avaliador se preocupa em julgar um programa baseando-se em um limitado número de parâmetros, os quais são identificados antecipadamente e descritos em termos numéricos (DEY; FENTY; VIANNA, 1997). Para realizar tal avaliação, poderão ser utilizados os vários procedimentos tais como: questionários, entrevista (prova oral), teste com múltiplas escolhas, pesquisa estruturada ou semi-estruturada. O importante é que se faça uma averiguação da quantidade de informações assimiladas pelo aluno e a partir desses dados atribuem um valor quantitativo (numérico) aos resultados obtidos.

Por sua vez, a abordagem qualitativa de avaliação é aquela que enfatiza a coleta de informações ricas e detalhadas de um pequeno número de participantes (DEY; FENTY; VIANNA, 1997). Nesse parâmetro, as abordagens qualitativas buscam identificar os temas que emergem do contato direto do docente com os alunos. Em outros termos, é o revelar do discurso do sujeito. A ênfase, nesse tipo de abordagem, é dada à descrição detalhada e ao conhecimento profundo, à medida em que emerge do contato direto e das experiências com o conteúdo da disciplina e com seus participantes. Em outras palavras, deve acontecer uma observação dos participantes, se esta participação é direta e se o fenômeno foi suficientemente explorado. Entendendo-se por fenômeno o aprendizado teórico e prático realizados pelos alunos. As técnicas dessa abordagem são, dentre outras: a observação, a participação, o teste com questões abertas, a pesquisa do aluno, a elaboração sistemática de trabalhos de reflexão pessoal, a criação e aplicação de teorias.

Há vários tipos de avaliação. Dentre eles, pode-se destacar três: a diagnóstica, a formativa e a somativa. A diagnóstica caracteriza-se por identificar

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

conhecimentos adquiridos sobre o assunto e verificar causas de repetidas dificuldades de aprendizagem, sendo geralmente aplicada no início do processo ensino-aprendizagem. A avaliação diagnóstica fornece ao professor informações sobre como está conduzindo o seu trabalho: andamento da matéria, adequação de métodos e materiais, comunicação com os alunos, adequabilidade da sua linguagem.

Quanto aos resultados da avaliação diagnóstica, considerando-se também a importância da interdisciplinaridade (COSTA, 2014), poderão ser usados para o estabelecimento e/ou reformulação dos objetivos, e mesmo, dos planos de ensino. O levantamento das condições prévias dos alunos para iniciar nova matéria, os indícios de progresso ou deficiências detectados na assimilação de conhecimentos, as verificações parciais e finais são elementos que possibilitam a revisão do plano de ensino e o direcionamento da avaliação docente. A verificação e a qualificação dos resultados da aprendizagem no início, durante e no final das unidades didáticas, visam diagnosticar e superar dificuldades, corrigir falhas e estimular os alunos para que continuem dedicando-se aos estudos. Para a avaliação diagnóstica, por exemplo, pode-se utilizar como instrumentos o pré-teste, o teste diagnóstico, a ficha de observação ou qualquer outro instrumento elaborado pelo docente.

Um outro tipo de avaliação é a formativa que tem como parâmetro identificar problemas de ensino aprendizagem, para implementar melhorias. Neste aspecto, a avaliação dos resultados da aprendizagem ocorre em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem. A partir dos dados coletados e das dificuldades encontradas inicia-se a orientação do aluno pelo professor. Na etapa de orientação inicial, no tratamento da matéria nova, na consolidação e aplicação dos conteúdos, o professor está constantemente colhendo informações e avaliando o progresso mental dos alunos. Deve-se, para isso, estabelecer com clareza o que vai ser avaliado. Se não se sabe o que vai ser

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

avaliado, não se pode avaliar de maneira eficiente. Por isso, o primeiro passo consiste em estabelecer o que será avaliado: o aproveitamento, a inteligência, o desenvolvimento sócio emocional ou outro aspecto. Na avaliação formativa os dados servirão para verificar se os objetivos estabelecidos são adequados aos alunos e se estão sendo alcançados. Se for verificado que os resultados não correspondem à expectativa, pode-se replanejar a atividade. Algumas vezes, será suficiente modificarem os procedimentos. Outras vezes, os próprios objetivos deverão ser alterados (PIMENTEL, 1993).

A avaliação somativa visa tomar decisões finais sobre o aluno quanto à sua classificação, aprovação ou reprovação, entre outros aspectos. Os resultados da avaliação somativa possuem as seguintes finalidades: verificar até que ponto os objetivos foram alcançados, para eventualmente fazer um replanejamento ou recuperação; promover aos alunos a próxima série, caso tenham alcançado os objetivos propostos pelo plano de ensino e; retomar o planejamento, se os objetivos não tiverem sido atingidos satisfatoriamente.

Esta avaliação acontece no final do curso ou da disciplina, sendo pautada pelos objetivos estabelecidos no planejamento. Para a avaliação somativa, os dois tipos de instrumentos mais utilizados são as provas objetivas e as subjetivas. As provas objetivas têm a vantagem da precisão e clareza, elas são mais limitantes do que as provas subjetivas. As provas subjetivas oferecem mais chance ao aluno para colocar sua opinião, formar conceitos e generalizações. Tais provas buscam auxiliar o ensino e orientar a aprendizagem, obter informações sobre o conteúdo apreendido pelo aluno, certificando-se assim da capacidade do aluno ser aprovado ou reprovado em uma determinada situação (DEY; FENTY; VIANNA, 1997).

ESTEBEN (2000) na sua abordagem sobre avaliação acadêmica e suas implicações no fracasso-sucesso faz uma discussão profícua da função da

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

academia e do docente no processo ensino-aprendizagem, considerando que se deve promover envolvimento e prazer em estudar o conteúdo não apenas para um exame, mas para a vida. Discute a relação, entendida por autoridades educativas, professores alunos e a sociedade, simetricamente entre o sistema de exame e sistema de ensino. Aborda também a política educativa de cortes neoliberal transformando os postulados educativos e, conseqüentemente, a qualidade da educação escolar. Para tanto, faz uma reflexão sobre as três inversões básicas desse sistema neoliberal: os problemas sociais são invertidos em problemas técnicos; os problemas metodológicos passam a ser problemas de rendimento e, o exame como questões de controle científico no século XXI provocam o empobrecimento do debate educativo. Aborda também aspectos das políticas norteadoras do processo ensino-aprendizagem. Discute a problemática da avaliação educacional como objeto de análise sociológica e como dispositivo central para a configuração e realização de algumas dimensões das políticas educativas contemporâneas. Faz referência à globalização. Apresenta ainda, como solução dos problemas educacionais, a avaliação formativa como instrumento de emancipação.

A avaliação efetiva ocorre durante o processo, nas relações dinâmicas em sala de aula ou no campo de ensino que orientam as tomadas de decisões frequentes, relacionadas ao tratamento do conteúdo e à melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo aluno. Para que isso ocorra, faz-se necessário que o professor esteja atento às alterações de comportamento dos alunos. Que haja um clima favorável à participação de todos tanto na aula teórica quanto prática.

Que os acadêmicos não se sintam reprimidos e possam manifestar suas dúvidas, inquietações e incompreensões quanto ao que está sendo aprendido (VEIGA, 1993). Para tanto, as decisões referentes ao procedimento avaliativo devem ser estabelecidos em conjunto entre alunos e docentes, na supervisão

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

do ensino-clínico. Deve-se ressaltar ainda que o progresso do ensino-aprendizagem consiste tanto na atividade do professor quanto na atividade dos alunos. Parceiros na dinâmica da sala de aula, professor e aluno devem participar de todo o processo de avaliação. Não apenas nas aulas, mas nos contatos informais na classe e no recreio, à medida que o professor conhece os dados sobre o desempenho, o aproveitamento escolar e o crescimento intelectual dos alunos. Nesse processo, não devem estar em julgamento apenas o grau de aprendizagem alcançado pelo aluno, mas também, muitos outros aspectos e habilidades.

Precisa ocorrer durante o processo de avaliação, a auto-avaliação de cada uma das partes. Nesse aspecto, devem ser observados, a forma como o conhecimento vem sendo ensinado-aprendido, os recursos que estão sendo utilizados, os objetivos que estão orientando a aprendizagem e que são passíveis de serem alterados de acordo com as novas necessidades sentidas pelo grupo (VEIGA, 1993).

Em um processo de ensino, visando uma educação co-participativa, a ênfase da avaliação estará nas relações efetuadas no contato diário do professor e do aluno com o conhecimento. No entanto, deve existir espaço para que, em determinados momentos, sejam feitas paradas de reflexão. Esses momentos de reflexão constituem a formulação de atividades pelo professor para que os alunos individualmente ou em grupos possam utilizar o conjunto de conhecimentos apreendidos para criar, questionar, sugerir, procurar novas formas de aplicar aquele saber. Enfim, mostrar as transformações que o novo saber lhes proporcionou.

A avaliação participativa deve ser definida em conjunto entre docente e discente a partir dos objetivos pessoais e coletivos e dos propósitos estabelecidos. Os instrumentos utilizados devem ser pertinentes às condutas que se pretendem

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

avaliar. Existem variados instrumentos que podem ser acionados pelo docente, discutidos com os alunos e, juntos, assumirem as consequências da decisão. Os procedimentos incluem desde a simples observação cotidiana até formas sofisticadas de elaboração do assunto. É preciso que haja relação do instrumento utilizado com a área ou domínio de aprendizagem.

Assim, dificilmente se obterá resultado pertinente através de provas escritas, se a área avaliada é a psicomotora ou afetiva. Isto requer maior observação e escalas de avaliação. Em contrapartida, a área cognitiva é a que mais solicita instrumentos como lápis e papel, entendidos em sentido amplo, testes, trabalhos escritos, monografias, respostas a questões abertas e análises de casos. A partir disso, podem ser desenvolvidos instrumentos orais de avaliação, voltados para objetivos que impliquem comunicação oral, capacidade de intervenção oral, habilidade de expressão oral, domínio de mecanismos de leitura. As verificações por meio de provas escritas dissertativas, de questões objetivas ou práticas são de caráter mais formal. Os procedimentos que visam o acompanhamento dos alunos nas várias situações diárias, como a observação e a entrevista, são de caráter menos formal, embora de grande valor na compreensão e apreensão da real aprendizagem do aluno (LIBÂNEO, 1994).

A avaliação acadêmica tem a função de controle, expressando os resultados em notas ou conceitos que comprovam a quantidade e a qualidade dos conhecimentos adquiridos em relação aos objetivos propostos. A avaliação deve ser uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor quanto dos alunos. A análise dos resultados de cada aluno e do conjunto de alunos permite determinar a eficácia do processo de ensino como um todo e as reorientações necessárias (LUCKESI, 1997). Assim, a avaliação deve preocupar-se em verificar o desenvolvimento do aluno em seus diferentes aspectos, assim como no ajustamento pessoal-social, e os instrumentos usados

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

para isso são a observação casual ou sistemática, a entrevista, o questionário, a auto-avaliação, o sociograma e o estudo de caso.

O estudo de caso tem aplicabilidade no ensino clínico, permitindo a interação entre o acadêmico, pacientes e familiares. Diante destas colocações, apresenta-se como inquietação a necessidade de verificar como uma avaliação em curso superior pode ser eficiente, tendo como parâmetros a co-participação dos alunos e dos docentes no seu processo. Vislumbra-se que a possibilidade de identificar vários aspectos teóricos e práticos pertinentes à avaliação, que ainda não foram suficientemente explorados pelos estudiosos do assunto. Ao mesmo tempo, pode-se efetuar uma reflexão sobre os paradigmas norteadores da avaliação que está acontecendo nas escolas superiores brasileiras. Além disso, pode-se detectar também a confiabilidade da avaliação, a fidedignidade aos propósitos de cada disciplina, a validade das informações coletadas pelos docentes quando em sintonia com os alunos. Enfim, verificar quais as habilidades do aluno são desenvolvidas e, conseqüentemente, avaliadas.

Na avaliação, levando-se em conta todos os aspectos apresentados acima, nas abordagens quantitativa e qualitativa, fidedignidade, validade, eficiência no ensino, entre outros, pode-se inferir a idéia de que o propósito da avaliação se estabelece na indagação: por que esta avaliação está sendo efetuada? Estabelecido o propósito, o avaliador tem claro para si um conjunto de intenções a respeito da avaliação que se está efetuando. Outro aspecto também relevante é o método a ser utilizado. Se este for bem estabelecido, as informações coletadas serão trabalhadas de forma eficaz e eficiente. Para tanto, é necessário saber quem precisa de informação, se o docente, o aluno, ou ambos.

Torna-se conveniente também definir o que será avaliado, quanto ao conteúdo, ao comportamento, atitudes, valores, criatividade, habilidades diversas, entre outros. É importante ter claro que padrões ou critérios serão utilizados para

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

avaliar o aprendizado do aluno. Os alunos devem ter ciência dos critérios estabelecidos no processo avaliativo. O critério pode ser entendido como referencial valorativo, definido a priori, em função do qual é realizado um julgamento. Este designa o princípio que permite distinguir o verdadeiro do falso, julgar e estimar (DEY; FENTY; VIANNA, 1997). Além de todos estes elementos, o objetivo da avaliação deve ser esclarecido e estabelecido tanto para o professor quanto para os alunos. Assim sendo, o propósito, o objetivo e outros aspectos da avaliação caracterizam-se como fundamentais no procedimento avaliativo.

Pesquisas mais recentes evidenciam que grande parte dos docentes insistem em trabalhar mais com a avaliação somativa, evidenciando-se em seus planos de ensino práticas de avaliação das aprendizagens poucos aspectos da avaliação formativa, como a avaliação da participação dos alunos nas aulas e da autoavaliação. Assim, a prática da avaliação encontra-se ainda muito direcionada para a avaliação somativa, concretizada com a classificação dos elementos de avaliação nas respectivas unidades curriculares e a devida atribuição de pesos diferentes na classificação final dos alunos (FERREIRA 2013). Tal situação tende à alterações lentas e ainda há muito o que construir nesse campo.

A partir dessa consulta prévia ao referencial teórico, ficou claro que o processo de avaliação é caracterizado como um desafio tanto para os docentes quanto para os alunos. Tendo em vista que o tema avaliação vem sendo, nas últimas décadas, motivo de discussão em todas as universidades principalmente, por ser ainda na prática, confundida como verificação de conhecimentos e habilidades, faz-se necessário abordar de forma clara e precisa esta questão, focalizando os aspectos concernentes às teorias relacionadas à co-participação de alunos e professores nos procedimentos e processos avaliativos.

SZYMANIAK, Nazaré Pellizzetti; BORGES, Maria Célia. Avaliação participante no ensino clínico: revisão. **Liph Science**, v.2, n.1, p.29-40, jan./mar., 2015. www.liphscience.com

5 Considerações Finais

Com a participação do aluno e do docente na construção do processo avaliativo do ensino clínico há um comprometimento mútuo e, por consequência, pode advir a qualidade do ensino-aprendizagem efetivada em sala de aula. Quando o aluno participa do planejamento da avaliação, ou pelo menos na construção dos procedimentos avaliativos, tende a compreendê-la com naturalidade e tornar-se responsável por seu aprendizado. Quando o docente compartilha com o aluno as responsabilidades da avaliação, se aproxima da eficiência e da eficácia, conquista maior interação com o aluno e, conseqüentemente, maior qualidade do ensino, pois o resultado tende a ser mais realista do ponto de vista do conhecimento e da sua aplicabilidade.

6 Referências

COSTA, Carla Nóbrega Borges. PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO INTERDISCIPLINAR NO TRANSOPERATÓRIO. **Liph Science**, UFTM, v. 1, n. 1, p.28-40, 2014. Trimestral. Disponível em: www.liphscience.com.br

DEY, E. L., FENTY, J.M., VIANNA, H.M. **Técnicas e instrumentos de avaliação**: Leituras complementares. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

ESTEBEN, M. T. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERREIRA, C. A. A. Uma abordagem à avaliação das aprendizagens na formação de professores no contexto de Bolonha. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas).

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. Cortez, São Paulo, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem Escolar**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTEL, M., G., O., **O professor em construção**. São Paulo: Papirus, 1993.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino**: Por que não? 2 ed. São Paulo: Papirus, 1993.